

Nome: Daniel Fujisaka

Email: dfujisaka@gmail.com

Instituição de Ensino: USP

Orientador: Lorenzo Mammi

HEGEL E SANTO AGOSTINHO, POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO POR UMA NOVA HISTÓRIA DA SUBJETIVIDADE

Resumo: Segundo Foucault, o cogito kantiano, nascido há pouco tempo como um duplo empírico/transcendental, se fez como primeiro pensamento para poder surgir como fundação única do conhecimento das coisas e de si mesmo. No entanto, como nos quer indicar Foucault, ao empreender o projeto de uma arqueologia do saber humano, o reinado da metafísica moderna encontrou o seu limite na morte do homem epistemológico. Vivemos num corte epistemológico. Pode-se dizer que agora esse sujeito tem uma história recente, mas já se encontra fragilizado:

“o homem não é o mais velho problema nem o mais constante que se tem posto ao saber humano. (...) O homem é uma invenção, e uma invenção recente, tal como a arqueologia do nosso pensamento o mostra facilmente. E talvez ela nos indique também o seu próximo fim.”¹

Parece plausível dizer que este homem desfalece em sua própria pretensão de ser racional, ao perceber-se calado como ser fundante dos conhecimentos que ele mesmo produziu na ode da modernidade. É interessante que as ciências humanas, com pretensa dimensão de positividade, vão aniquilando o próprio sujeito, e ao fim, a veracidade das ciências humanas parece mostrar o próprio limite da razão, concluindo que nada pode ser dito verdadeiro na analítica do mundo da pura finitude. O homem moderno teria morrido e com ele sua pretensão de uma filosofia que fale acerca da infinitude. Foucault irá realizar, dessa forma, um trabalho intenso de exame da racionalidade moderna. Passa a estudar o homem em si, objeto de si mesmo, a fim de verificar sua constituição interna na expressão finita de *si mesmo*. Trata-se então de examinar a história do saber humano, rejeitando o sujeito como alicerce transcendental. Afasta-se, assim, e cada vez mais, de qualquer pretensão *fundacionista* da metafísica.

Essa breve introdução foucaultiana pretende somente chamar a atenção para o “espírito de época” em que vivemos, a fim de nos localizar no terreno da contemporaneidade filosófica. Ler Hegel e Agostinho em dias atuais é experimentar um duplo movimento: de afastamento e aproximação, afinidades e estranhezas aos pensadores da subjetividade e da infinitude. Em Hegel, particularmente, nos deparamos com uma das filosofias sistemáticas mais determinadas a nos apresentar no seio da modernidade e do idealismo alemão um projeto de um saber absoluto do movimento do real. Neste trabalhamos problematizamos a leitura metafísica que se fez de Hegel a partir do pressuposto de uma filosofia do sujeito absoluto, retomando a atenção aos movimentos de sua dialética da contradição, em expressividade do real concreto. Mas o que dizer do luto contemporâneo pela morte do sujeito moderno? A leitura de Hegel poderia fazer reviver um

¹ Foucault, Michel. *As Palavras e as Coisas*, Edições 70, Lisboa, 1991, p.421.

novo tipo de kantismo (neo-kantismo?), ressuscitando um sujeito duplo empírico/transcendental?² Isto, talvez, explique o recente interesse na filosofia hegeliana a partir, principalmente, da *Fenomenologia do espírito* e a *Ciência da Lógica*. Mas a análise da possibilidade de um suposto neo-kantismo em Hegel não é o nosso objetivo neste trabalho. Partiremos da leitura da introdução à *Ciência da Lógica*, bem como o capítulo sobre a doutrina do ser, em vista de esboçar um estudo introdutório à noção de dialética em Hegel, tendo como quadro geral o diálogo com as filosofias da consciência.

Se em nossos dias Foucault propõe a morte do homem como impossibilidade epistemológica, convidando-nos à hermenêutica da história em procedimento arqueológico, não devemos pensar que a crítica ao *fundacionismo* subjetivo seja algo recente. Hegel já procedia à mesma estratégia, criticando o sujeito transcendental kantiano e seu instrumental lógico essencial. Notemos, contudo, que mesmo sendo Foucault e Hegel pensadores que chegaram a resultados aparentemente opostos, ambos parecem compartilhar da mesma estratégia de base, pois fazem a crítica à substancialidade concreta da verdade primeira, a saber, o *sujeito*. É verdade que a filosofia contemporânea parece realizar a crítica do sujeito com o intuito de eliminá-lo de qualquer papel epistemológico importante e fundacional; enquanto Hegel ainda encontra no sujeito um locus do conhecimento, na medida em que o sujeito hegeliano ainda mantém certa substancialidade (mas como veremos, “sujeito é substância” para Hegel sem estatuto de fundação, pois no interior do sujeito hegeliano surge uma clivagem interna marcada pela existência simultânea de um determinado imediato e mediado). Vale dizer que linha de pensamento tem como principal referência o apoio da leitura contemporânea de Hegel, que procura desvencilhá-lo das chamadas filosofias do sujeito, reencontrando, talvez, sua maior contribuição para história da filosofia: uma filosofia do infinito marcada pelo movimento real e racional de negação determinada auto-referencial.

Em seguida, pretendemos revisitar alguns temas da filosofia agostiniana, que, segundo estudos recentes, assim como nos aponta algumas releituras de Hegel, parecem fazer a crítica da leitura tradicional moderna que substancializou o sujeito como pura interioridade e primeira certeza. Trata-se de examinar o pensamento agostiniano, revisando a influência demasiada da metafísica moderna. É certo que não podemos desvencilhar a metafísica de Agostinho, mas não é certo que a metafísica moderna molde a nossa leitura da metafísica do bispo. A filosofia de Agostinho foi muitas vezes citada antecessora do conceito da *res cogitans* cartesiana e, portanto, associada às filosofias subjetivistas. Descartes, contudo, em seu próprio tempo, foi pessoalmente alertado por Mersenne de que o cogito não seria estratégia tão original, visto que Agostinho já o esboçara nas suas obras. O filósofo moderno refuta seu interlocutor dizendo que, apesar de reconhecer a mesma estratégia contra o ceticismo, o cogito agostiniano não cumpriria o mesmo fim de fundação metafísica. Diz Descartes que Agostinho não usara o *cogito* como conceito de *substância*

² Pinkard aponta para um excesso de Longuenesse ao tentar associar Hegel à Kant no seu livro *Hegel's Critique of Metaphysics*. Diz: “Longuenesse admits that despite his now well-established post-Kantian credentials, Hegel still looks like the poster boy for the kind of rationalist metaphysics Kant thought he had forever put out of bounds, and that the more prudent choice for us might be finally to acknowledge as a “strange and grandiose novel” Hegel's own attempts at presenting his post-Kantian system.”.

Review of Béatrice Longuenesse, *Hegel's Critique of Metaphysics*, Georgetown University, <http://ndpr.nd.edu/news/23984/?id=15849>.

*imaterial*³. A resposta de Descartes a Mersenne nos parece em parte correta⁴, no entanto, a história da hermenêutica moderna de Agostinho, muitas vezes, correrá o risco de tomar a noção de interioridade como idêntica à noção de exame do espírito⁵.

Visto que em Agostinho, a interioridade não se confunde com subjetividade⁶, a interioridade agostiniana não carece do mesmo embaraço solipista do sujeito moderno. Parece que Hegel pode nos ajudar a repensar as próprias demarcações epistemológicas da ontologia e existência das coisas, na medida em que nos ajuda a pensar os limites de idealidade e realidade. Ao nos convidar para outro modo de pensar que não mais o do projeto *fundacionista* do sujeito absoluto, Hegel, talvez nos ajude na leitura de autores pré-modernos cuja filosofia proponha a análise da infinitude. Adentrando nas profundezas da alma em busca da verdade, Agostinho se angustia neste itinerário de crise. O caminho à interioridade não o protegia das turbulências e contradições da vida. Um trecho das *Confissões* nos chama atenção. Diante da vivência do luto causado pela perda de um amigo, Agostinho constata: “*Tornei-me um grande problema para mim mesmo e perguntava à minha alma por que estava tão triste e angustiada, mas não tinha resposta.*”⁷. Não há identidade da alma consigo mesma, justamente porque a alma se encontra cindida no interior de si mesma. A clivagem no interior da estrutura do eu é, obviamente, diferente da clivagem na estrutura do sujeito hegeliano. Para Agostinho, a alma se encontra cindida no campo dos desejos, da vontade. Não se sabe o que se quer, ou melhor dizendo, a alma não conhece a si mesma, pois, alienada de si mesma e da pura identidade, não se entende ao constatar que não deseja o que é racional desejar. O exame do problema do mal como privação da vontade é fruto da jornada do bispo de Hipona que parte do mais exterior material ao mais interior. Encontrará no mais profundo de si uma única vontade boa, mas cindida, que ao mesmo tempo deseja e não deseja (*velle e nolle*⁸). Em Hegel, com vimos, a cisão interna do sujeito se localiza na dupla condição da consciência: ao mesmo tempo imediato, dado como puro pensar, e mediado como o eu situado na multiplicidade da realidade, imerso no mundo fenomenal. Apesar de resultados e estratégias distintas, nos parece que Hegel e Agostinho compartilham o problema de se colocar o eu como ponto de partida do conhecimento.

³ Descartes, Ouvres de Descartes, par Adm et Tannery [AT], AT III, p. 247-248; apud Bermon, Emmanuel (2001), p. 11

⁴ Embora Emmanuel Bermon defenda que Descartes ao ler somente o livro XI da *Cidade de Deus* não tenha dado devida atenção ao livro sobre *A Trindade*, livro X, onde Agostinho desenvolve com maior atenção a teoria do “cogito” sob a interlocução com o ceticismo da Nova Academia. Ver: Bermon, Emmanuel. *Le cogito dans la pensée de saint Augustin*. Paris : Vrin, 2001. P. 13. Gilson, Etienne, *Études sur le rôle de la pensée médiévale dans la formation du système cartésien* / par Étienne Gilson -- Paris : J. Vrin, 1930, . *Introduction à l'étude de saint Augustin*, Paris : Vrin, 1929, p 15-16, p. 49-52.

⁵ Ver MARION, J-L. *Au lieu de soi: l'approche de Saint Augustin*. Paris: PUF, 2008; p. 22

⁶ Cf. Novaes Filho, Moacyr Ayres. revista *Analytica* ;[Apresentação]; Artigo: Interioridade e Inspeção do Espírito . Rio de Janeiro, 2003, vol 7; p.97

⁷ Agostinho, *Confissões*, livro IV,iv,9.

⁸ Ver Arendt, Hannah. *A vida do espírito*, p.350 ss